A aldeia encontrada

O sol estava ardente, e com ele vinham os gritos matinais da minha irmã. Eu e Ananya fazemos colares para nossa aldeia, hoje não seria diferente.

—Aruna, vamos.

A aldeia estava como sempre, lindas árvores, o som dos pássaros e cada um fazendo o seu trabalho. A floresta estava radiante, os animais alegres, cantarolando sobre a terra, pedindo à benção do nosso Deus Tupã.

Andávamos tranquilamente, quando à frente avistamos o cacique Moacir. O cacique era o nosso representante, ao anoitecer, ouvíamos as histórias dos nossos antepassados, histórias do nosso Deus Tupã, das bençãos concebidas por ele.

— Aruna e Ananya, que bom vê-las, que Tupã ilumine seus caminhos.

Seguimos o nosso caminho após uma pequena pausa para bençãos e concelhos do cacique.

O dia passou rápido, o Sol já estava abaixando e com sua saída, o vento vinha a congelar, o frio do anoitecer era esplêndido, gelado e acolhedor.

Congelei, e não foi de frio. O som vinha alto no meio da floresta, pássaros que cantarolavam ao amanhecer, agora desafinavam e voavam para longe. O braço de Ananya se encontrava como sangue, rosas vermelhas, ao aperto que lhe dei.

Eu quis ir embora, ao mesmo tempo, aquele som me chamava, as árvores falavam comigo, a agonia dos pássaros me sufocava e a curiosidade vinha com esses sentimentos.

* Vamos Aruna, precisamos chamar o cacique, pode ser perigoso e precisamos ficar todos juntos.

Conhecendo minha irmã, eu sabia que ela queria ficar, a floresta é a nossa vida, Tupã irá nos proteger, é isso que o cacique nos diz todas as noites.

Estalos e fumaça vinham da floresta. O que estava acontecendo? O que aquilo significava? O medo estava batendo no meu peito, sentindo a gravidade que estava por vir. Os traumas estavam voltando, há 10 anos meus pais saíram e foram atacados por homens brancos, homens esses que os tiraram a vida e só restaram eu, com 3 anos e Ananya com 10. Saímos do nosso local de origem e fomos abrigados por Moacir, hoje a aldeia é a nossa família.

* Ananya, temos que ver o que está acontecendo, vamos entrar na floresta.

Ananya me olha com um olhar frio, cinzento e curioso. Súplica:

* Não, Aruna. Vamos embora.

Fiquei, implorei e o meu clamor foi atendido. O sol já não existia, a lua cheia iluminava o caminho de entrada da floresta. A cada passo, o barulho ressoava e ficava mais vibrante. Os gritos vinham da minha cabeça, o barulho externo era igualmente ao interno, ferozes e incertos.

Mãos dadas e firmes, olhos arregalados e corpos trêmulos. Foi assim que se encontramos ao chegarmos ao destino final. A mata estava coberta, cobertores de madeira e folhas, folhas amarelas, folhas cobertas de fogo.

Ao lado do fogo estavam os homens, brancos. Com olhos de curiosidade, o mais velho, suponho que seja como um cacique, o chefe, veio até nós, não muito próximo, perto o bastante para ouvirmos sua voz.

* Quem são vocês? O que estão fazendo aqui a esta hora? Apertando minha mão, Ananya toda postura:
* Somos indígenas kiriris, está é a nossa floresta, quem são vocês?

O homem dá dois passos lentos e analisa os nossos rostos.

* Me chamo Oto, venho em nome da minha empresa tomar este lugar, desejo que saíam daqui de boa vontade, ou medidas podem ser tomadas.

Me pronuncio, decidida a fugir do medo:

* Essa terra não tem dono, a terra é sagrada, Tupã não deixará a floresta ser tomada

Os olhos de Oto se arregalaram, tenso e os passos dados para frente anteriormente agora se encontram atrás mais uma vez. Rio, orgulhosa que meu ato tenha lhe causado medo. Os olhos dele não me observam, sigo seus olhos e encontro a resposta.

A fauna revida, as belas rosetas se sobressaiam ao luar, os olhos pretos das onças caíam sobre os meus. Olhos meigos para mim, olhos ardentes para os forasteiros.

Não demorou muito, as onças indicavam vingança, os homens queriam as terras. Um barulho se sobressaía, era o esturro das onças. No ar, sob o ardente fogo, observo o pulo, alto e decidido.

Frente a frente, olho por olho. A cada passo que as onças davam, os brancos se retraiam. Um estouro no chão, um branco caído, uma onça com patas agarrando os ombros robustos do forasteiro. Gritos dos amigos, medo nos inimigos.

O golpe final veio. Aquele que acalmaria o animal, aquele que mandaria embora os intrusos. Moacir chega, decidido a pôr fim, não deixaria aquela que faz parte da florestas sujar-se de sangue. A morte não seria o bem para todos.

* Afaste-se, não matarás este homem. Volte para onde veio, Tupã guie. Senhor forasteiro, como você presenciou, este lugar tem um povo, povo que protege com garras e dentes o seu lugar. Volte para suas terras, ficará a salvo.

Passos rápidos, correndo contra o seu próprio fôlego. Assim a floresta ficou salva, os pássaros vinham a assobiar. Os moradores comemoravam, aquilo que era deles, continuava sendo deles.